

Meditações: quarta-feira da IV semana da Quaresma

Reflexão para meditar na quarta-feira da IV semana da Quaresma. Os temas propostos são: Deus sustenta a nossa existência; em Jesus aprendemos a ser filhos de Deus; no Juízo vence o amor do Pai.

30/03/2022

- Deus sustenta a nossa existência.

- Em Jesus aprendemos a ser filhos de Deus.
 - No Juízo vence o amor do Pai.
-

JESUS TINHA curado um paralítico num sábado e, para nosso espanto, os doutores da lei ficam presos nessa circunstância do calendário, em vez de acreditarem na livre manifestação de Deus: baseando-se numa rígida interpretação da Sagrada Escritura, não estão dispostos a admitir que alguém possa realizar atividades ao sábado, nem sequer milagres ou curas. Não receberam a luz do Espírito Santo – que nós podemos pedir – para deixar-se interpelar pela realidade que tinham à frente dos olhos.

Jesus responde-lhes com uma frase lapidar: «Meu Pai trabalha incessantemente e Eu também

trabalho em todo o tempo» (Jo 5, 17). Estas palavras condensam uma importante verdade teológica, que ilumina a nossa condição de criaturas: certamente, a Bíblia afirma que no sábado Deus descansou, para dar a entender que não criou novas criaturas; «mas atua sempre e de forma contínua, conservando-as no ser (...). Deus é causa de todas as coisas no sentido de que também as faz subsistir; porque se num dado momento se interrompesse o seu poder, logo deixariam de existir todas as coisas que a natureza contém»^[1]. A nossa existência depende inteiramente de Deus, em cada instante. Cada segundo da nossa vida é um dom que o Senhor nos oferece confiadamente. O Criador não se retirou da sua obra, mas continuou «a trabalhar na e sobre a história dos homens»^[2].

Como explicava S. Josemaria, «o Deus da nossa fé não é um ser longínquo,

que contempla indiferente a sorte dos homens. É um Pai que ama ardentemente os seus filhos, um Deus Criador que transborda em carinho pelas suas criaturas. E concede ao homem o grande privilégio de poder amar, transcendendo assim o efémero e o transitório»^[3].

NA SUA RESPOSTA àqueles que o censuravam por curar em dia de descanso, Jesus revela implicitamente a sua natureza divina, mostrando-se como «senhor do sábado» (Lc 6, 5). Os rabinos distinguem entre o “trabalho” de Deus na criação, que cessou no sábado e a sua atuação na providência que, pelo contrário, é ininterrupto. Por isso, quando Jesus se coloca ao mesmo nível do Pai, associando-se à sua ação contínua a

favor dos homens, esta afirmação é escandalosa para os seus opositores. Deste modo, a Sagrada Escritura diz-nos que «os judeus com mais zelo queriam dar-lhe a morte, porque não só violava o sábado, mas também por chamar a Deus seu Pai, fazendo-se igual a Deus» (Jo 5, 18). Mas Jesus não procura dissuadi-los dessa ideia porque efetivamente ele é o Filho, a filiação ao Pai está no centro do seu ser e da sua missão: é parte essencial do seu mistério. Até esse momento, ninguém em toda a história da salvação se tinha dirigido a Deus chamando-o «Meu Pai» como Jesus faz sempre; é muito menos com a palavra cheia de confiança que usavam as crianças hebraicas para chamar o seu progenitor: *abbá*, papá.

«Em verdade vos digo – diz o Senhor – que o Filho nada pode fazer por Si próprio, mas só aquilo que viu fazer ao Pai; e tudo o que o Pai faz também o Filho o faz igualmente» (Jo 5,

19-20). Jesus Cristo é o modelo mais perfeito de união ao Pai. «Com referência a este modelo, refletindo-o na nossa consciência e no nosso comportamento, podemos desenvolver em nós um modo e uma orientação de vida “que se assemelhe a Cristo” e na qual se expresse e realize a verdadeira “liberdade dos filhos de Deus” (cf. Rm 8, 21)»^[4]. Com efeito, à luz do exemplo de Cristo, conseguimos entender melhor que o sentido da nossa filiação divina é o que nos torna mais profundamente livres: «Saber que saímos das mãos de Deus, que somos objeto da predileção da Santíssima Trindade, que somos filhos de um Pai tão grande. Peço ao meu Senhor que nos decidamos a apercebermo-nos disso, a saboreá-lo dia após dia: assim atuaremos como pessoas livres. Não esqueçamos: quem não sabe que é filho de Deus desconhece a sua verdade mais íntima e carece, na sua atuação, do domínio e do senhorio

próprios dos que amam Nosso Senhor, sobre todas as coisas»^[5].

«O PAI NÃO JULGA ninguém, entregou ao Filho o poder de tudo julgar, para que todos honrem o Filho como honram o Pai. Quem não honra o Filho – continua a dizer Jesus – não honra o Pai que O enviou. Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e acredita n'Aquele que Me enviou tem a vida eterna» (Jo 5, 22-24). Quando se fala dos derradeiros momentos, do juízo particular e do juízo final, possivelmente experimentamos um certo temor. No entanto, é bom reconduzir este temor à esperança, porque sabemos que o nosso juiz será Jesus, que veio salvar-nos enviado pelo Pai. Cristo deu a sua vida por nós: se pomos os nossos olhos n'Ele, pregado na cruz e depois

ressuscitado, entendemos que a sua justiça está sempre unida ao mistério da graça, do seu amor por nós.

Certamente, «a graça não exclui a justiça. Não converte a injustiça em direito. Não é uma esponja que apaga tudo, de modo tudo quanto se fez na terra acabe por ter o mesmo valor (...). O nosso modo de viver não é irrelevante, mas a nossa sujidade não nos mancha para sempre, se ao menos permanecermos orientados para Cristo, para a verdade e o amor. No fim de contas, esta sujidade já foi queimada na Paixão de Cristo. No momento do Juízo, experimentamos e acolhemos este prevalecer do seu amor sobre todo o mal no mundo e em nós. A dor do amor torna-a nossa salvação e a nossa alegria»^[6].

«Não tenhas medo da morte –
animava S. Josemaria –. Aceita-a,
desde agora, generosamente...,
quando Deus quiser..., como Deus

quiser..., onde Deus quiser. – Não duvides; virá no tempo, no lugar e do modo que mais convier..., enviada pelo teu Pai-Deus. – Bem-vinda, seja a nossa irmã, a morte!»^[7]. Ao mesmo tempo, ao fundador do Opus Dei consolava-o saber que quem nos espera «não será Juiz – no sentido austero da palavra – mas simplesmente Jesus»^[8]. E ali estará também, a interceder por nós, a nossa Mãe do céu; Ela é refúgio dos pecadores e é a nossa esperança.

[1] S. Tomás de Aquino, *Comentário sobre S. João*, 5, 16.

[2] Bento XVI, Discurso, 12/09/2008.

[3] S. Josemaria, *Discursos sobre a Universidade*, n. 8.

[4] S. João Paulo II, Audiência, 24/08/1988.

[5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 26.

[6] Bento XVI, *Spe Salvi*, n. 44.47.

[7] S. Josemaria, *Caminho*, n. 739.

[8] S. Josemaria, *Caminho*, n. 168.

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/meditacoes-
quarta-feira-da-iv-semana-da-
quaresma/](https://opusdei.org/pt-pt/article/meditacoes-quarta-feira-da-iv-semana-da-quaresma/) (02/04/2025)